

# LINGUASAGEM

## “TE (DES)FAZER MULHER”: O DISCURSO SOBRE A VIRGINDADE E A FERTILIDADE FEMININAS<sup>1</sup>

Aline Oliveira AMORIM<sup>2</sup>  
Lucília Maria Abrahão e SOUSA<sup>3</sup>

### Resumo

A sexualidade humana, desde sua conceituação até suas práticas, já foi material de reflexão a partir do ponto de vista de diversas áreas, como a ciência e a religião. Figura em destaque aspectos referentes à sexualidade feminina, sob uma tendência histórica de instaurar tabus e mitos, visando o controle do corpo e da performance da mulher. A partir da teoria de Análise do Discurso fundada por Pêcheux, o presente estudo objetiva refletir sobre os sentidos atribuídos à virgindade feminina e à menstruação, por meio da análise de um corpus composto por materiais referentes ao “Adstringente Sempre Virgem Hot Flowers”, produto erótico comercializado em *sex shops*, e à marca “Sempre Livre”, comercializadora de absorventes menstruais. No trabalho de análise, a memória enquanto condição do legível sustenta e faz retornar efeitos outros, deslocados de seus sentidos naturalizados, sobre o corpo feminino virgem.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Memória; Mulher; Virgindade; Menstruação.

### Abstract

From its conceptualization to its practices, human sexuality has already been material for reflection from the point of view of several areas, such as science and religion. Aspects referring to female sexuality features prominently, under a historical tendency to establish taboos and myths, aiming at controlling the body and the performance of women. Based on the Discourse Analysis founded by Pêcheux, this study aims to reflect on the meanings attributed to female virginity and menstruation, through the analysis of a corpus composed of materials related to the “Adstringente Sempre Virgem Hot Flowers”, an erotic product sold in sex shops, and under the brand “Sempre Livre”, which sells menstrual pads. In the work of analysis, memory as a condition of the readable sustains and brings back other effects, displaced from their naturalized senses, about the virgin female body.

**Keywords:** Discourse Analysis; Memory; Woman; Virginity; Menstruation.

### Sobre o corpo feminino

---

<sup>1</sup>O presente trabalho resulta do desenvolvimento de projeto de iniciação científica. Processo nº 2020/12553-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), bolsista de iniciação científica FAPESP. Email: aline\_amorim@usp.br

<sup>3</sup> Professora Livre-Docente no Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP). Email: luciliamsr@ffclrp.usp.br

A sexualidade humana e os aspectos fisiológicos relacionados à mesma já foram objeto de adoração, cinismo, pavor, estudo e censura durante o percorrer das civilizações ocidentais. Merece destaque o corpo e a sexualidade femininas, cerceados outrora de mistérios e posteriormente de tabus, os quais atravessaram até mesmo os discursos médicos em diferentes épocas. Historicamente, é possível perceber que grande parte do material produzido acerca da mulher - seu corpo, seus ciclos, sua psicologia, sua atuação na vida pública, seu sexo e suas atividades sexuais - foi curiosamente produzida por homens. Atualmente, no entanto, há movimentos nas diversas áreas científicas em prol de novas produções acerca da mulher e do que se compreende como feminino, buscando formular e atualizar, deslocar e subverter sentidos estabilizados. Nosso estudo apresenta a visada teórica de investigar discursos vinculados à virgindade feminina e à menstruação, ambos temas contornados por desencontros teóricos, culturais, ideológicos e religiosos que ainda hoje, apesar de avanços relevantes, discursivizam efeitos de memória de formulações arcaicas.

Em nosso caminho, mobilizaremos os conceitos de discurso, ideologia e memória no/pelo discurso para analisar e interpretar um *corpus* composto por materiais coletados referentes ao “Adstringente Sempre Virgem Hot Flowers”, produto erótico comercializado em *sex shops*, na relação com os efeitos de sentidos regularizados pela marca “Sempre Livre”, comercializadora de absorventes menstruais descartáveis. O primeiro visa a (re)criar, na área íntima do corpo feminino, condições semelhantes à de um corpo virgem; já o segundo possui um catálogo vasto de produtos destinados ao uso feminino durante o período menstrual - em sua quase unanimidade, absorventes descartáveis, com exceção de uma calcinha absorvente reutilizável em parceria com a marca “Pantys”. É na relação da língua com a história que queremos escutar o jogo da designação de produtos e marcas em questão, observando o funcionamento da possibilidade eterna de repetição da virgindade e do retorno ao estado anterior à primeira relação sexual, o que coloca em disputa e tensão de forças os sentidos sobre o corpo feminino (em especial ter ou não o hímen) e sobre a reprodução.

### **Sobre os sentidos cristalizados**

Na obra “O Discurso: estrutura ou acontecimento” (2015), apresentada originalmente em 1983, na conferência “Marxismo e Interpretação da Cultura: Limites, Fronteiras, Restrições”, realizada na *University of Illinois at Urbana-Champaign*,

Pêcheux busca pensar a prática da Análise do Discurso em relação ao que denomina como acontecimento e à estrutura. Na introdução de seu texto, o autor já permite antever a resposta ao questionamento no título do livro: seria o discurso uma estrutura e/ou um acontecimento? Para embasar sua proposição, no entanto, ele enumera três possíveis caminhos teóricos sob os quais poderia desenvolver sua argumentação: 1) tomar como tema um enunciado específico e trabalhá-lo, enquanto “[...] acontecimento, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2015, p. 16); ou 2) partir de uma questão filosófica acerca da ideia de uma ciência da estrutura; ou ainda, 3) ater-se ao campo de seu domínio, a Análise do Discurso francesa, pensando a relação entre análise como descrição e como interpretação. Honrando seu costume de caminhar nos entremeios com suas teorias, Pêcheux decide se “[...] esforçar em avançar entrecruzando os três caminhos que acabo de evocar (o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação no interior da análise do discurso) [...]” (PÊCHEUX, 2015, p. 18).

Naquele primeiro caminho, o autor utiliza como enunciado a ser trabalhado o “On a gagné” (“ganhamos”), em seu (re)aparecimento no dia 10 de maio de 1981, na França, após a eleição de François Mitterrand como presidente. A expressão era originalmente utilizada em forma de canção por torcedores da equipe vencedora durante partidas esportivas. Sendo assim, não possuía a estrutura enunciativa de manifestações políticas. No entanto, em 1981, o esporte aparece como “a metáfora popular adequada ao campo político francês [...] este jogo metafórico em torno do enunciado ‘On a gagné [‘Ganhamos’] veio sobredeterminar o acontecimento, sublinhando sua equivocidade” (PÊCHEUX, 2015, p. 21). O resultado eleitoral, conforme sua apresentação na mídia, também apresenta uma univocidade lógica, já que é inegável o fato de que François Mitterrand foi eleito como presidente da França em 10 de maio de 1981; no entanto, o enunciado “On a gagné”, quando utilizado dentro do campo político, já não pode mais ser visto da mesma maneira de quando utilizado no esporte; ele adquire uma estabilidade lógica variável. Isso coloca o

[...] estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc) e formulações irremediavelmente equívocas. Objetos discursivos de talhe estável, detendo o aparente privilégio de serem, até certo ponto, largamente independentes dos enunciados que produzimos a seu respeito, vêm trocar seus trajetos com outros tipos de objetos, cujo

modo de existência parece regido pela própria maneira com que falamos deles (PÊCHEUX, 2015, p. 27-28)

Pêcheux aponta o fato de que, naqueles espaços discursivos apresentados como logicamente estabilizados, “[...] supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação” (PÊCHEUX, 2015, p. 31). Ou seja, a unicidade de tais espaços justifica-se em uma série de evidências lógico-práticas que, ainda assim, gera uma homogeneidade lógica que é, no entanto, atravessada por equívocos. O autor sinaliza o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas, marcando que tal procedimento deve ter como base a ideia de que não é possível discernir descrever de interpretar. É preciso, aqui, reconhecer a existência do real da língua,

[...] abordar o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta, etc [...] Isto obriga a pesquisa linguística a se construir procedimentos (modos de interpretação de dados e formas de raciocínio) capazes de abordar explicitamente o fato linguístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico” (PÊCHEUX, 2015, p. 50-51)

É preciso assim reconhecer a existência desses dois espaços: o do logicamente estabilizado e o das transformações de sentido; não é possível negar nem um, nem outro. Fechar os olhos para a possibilidade de o sentido escapar à norma definida *a priori* seria, conforme aponta Pêcheux, o equivalente a afirmar que as classes dominadas nunca fogem à lógica dominante; assim, o segundo apontamento seria a de que toda descrição está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-semanticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação” (PÊCHEUX, 2015, p. 53). O equívoco da língua é o próprio de seu funcionamento, já estudou Leandro-Ferreira (2000).

Um ponto sensível discutido por Pêcheux (2015) coloca em cena a questão da discursividade como estrutura e/ou como acontecimento. O gesto de inscrever determinado discurso em determinada série incorre no risco de deixar o acontecimento desse discurso ser absorvido, dissolvido e esquecido na estrutura dessa série, enquanto “memória antecipadora do discurso em questão” (PÊCHEUX, 2015, p. 55); o que resultaria no apagamento do acontecimento em relação à estrutura. É preciso resistir a esse risco, não porque todo discurso é necessariamente um acontecimento, mas porque

“[...] só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” (PÊCHEUX, 2015, p. 56). Tal possibilidade está sustentada pelo fato de que não há identificação sócio-histórica plenamente bem-sucedida, sem a chance de ser afetada por um deslocamento. Sendo assim, o autor conclui sua defesa por uma posição de trabalho na qual

[...] através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados (PÊCHEUX, 2015, p. 56)

Dado o exposto, é preciso reconhecer a relevância até os dias atuais da obra para a teoria da Análise do Discurso de filiação francesa. Uma de suas principais contribuições é a proposição do pensamento teórico em relação à intercalação entre o ato de descrever e o de interpretar, na prática da análise discursiva. Além disso, fica evidente ao longo do texto a já demarcada posição de entremeio da área, em diálogo com as ciências sociais, a psicanálise e a linguística; sendo possível perceber, por meio da construção do raciocínio de Pêcheux, a importância desse tripé para o desenvolvimento da teoria da Análise do Discurso.

Em outro escrito, a saber, “Delimitações, inversões, deslocamentos” (PÊCHEUX, 1990 [1982]), publicado originalmente na revista “L’Homme et la Société”, o autor analisa três acontecimentos históricos distintos, marcando os modos de inscrição dos termos formulados acerca da Revolução Francesa, Revolução Socialista no século XIX e das revoluções proletárias decorrentes de outubro de 1917. Os efeitos de trama resultantes da relação entre língua e história estão em jogo e Pêcheux se propõe a pensá-los em relação a suas consequências teóricas e políticas. Dessa forma, ele aponta como resultado das revoluções burguesas na França de 1789 um movimento de rompimento de barreiras paralelo à absorção das diferenças em jogo na sociedade feudal e monárquica; de tal forma que, para tornar-se cidadão, era preciso abdicar das particularidades históricas tais como, dentre outros, a língua materna. Assim, passa-se à utilização da língua nacional, evidenciando uma

nova barreira, invisível, não separa dois “mundos”; ela atravessa a sociedade como uma linha móvel, sensível às relações de força, resistente e elástica, sendo que, de um e outro de seus lados, as mesmas palavras, expressões e enunciados de uma mesma língua, não

têm o mesmo “sentido”: esta estratégia da diferença sob a unidade formal culmina no discurso do Direito [...] (PÊCHEUX, 1990, p. 11).

Por esse motivo, ao pensar a revolução socialista a partir do século XIX, é preciso compreender que o que estaria em jogo não seria mudar de mundo, como chamou Pêcheux, mas sim mudar a base do mundo da sociedade burguesa, o único então existente. Mudança essa a ser realizada por meio da supressão do antagonismo entre aquilo que a burguesia proclamava por meio da frase democrática e aquilo que a burguesia de fato fazia. A revolução socialista deveria operar em relação à barreira invisível que protegia o estado, denunciando a sociedade em seu caráter “irrealizado”, além de politizar o proletariado a fim de torná-lo visível a si mesmo; pois assim, poderia ocorrer a “luta final”, em que o mundo mudaria de base.

No entanto, a subversão da base do modo de produção capitalista não ocorreu. Pêcheux (1990) assinala o fato de que o então “mundo socialista”, como o chama, que teve início com a revolução de outubro de 1917, desenvolveu-se naqueles espaços em que figuravam monarquias e impérios, protetorados, sistemas feudais ou ainda pré-feudais; e não nas zonas em que já haviam se instalado as democracias parlamentares nos moldes da Revolução Francesa. Assim, desenvolveu-se a imagem do socialismo localizado, produzindo “primeiramente a fronteira de sítio, que separa o interior do socialismo existente e o mundo exterior do capitalismo [...] e juntamente novas fronteiras interiores, que multiplicam os dispositivos da fronteira de sítio, voltando-os para o interior” (PÊCHEUX, 1990, p. 14). Em relação a tais fronteiras visíveis, constitui-se uma fronteira invisível em torno do Partido-Estado, tornando visível a adversidade e produzindo o adversário; de forma que “de um lado e de outro dessa fronteira, a mesma palavra, a mesma frase não têm, de novo, o ‘mesmo sentido’: e, como no caso da ideologia jurídica burguesa, sua transposição deliberada ou não, pode ser uma questão de vida ou morte [...]” (PÊCHEUX, 1990, p. 14).

Com base nisso, o autor inicia sua reflexão acerca da lógica da inversão e dos efeitos discursivos de deslocamento. Pêcheux (1990) escolhe questionar de onde vêm os discursos revolucionários e como eles se constituem historicamente. Para o estudioso, era preciso reconhecer o fato de que as ideologias dominadas se formam sob as ideologias dominantes e contra elas, e não em um mundo à parte desta. Tal fenômeno seria possível devido ao processo de interpelação ideológica do indivíduo em sujeito enquanto *ritual*, que segundo Althusser (1999); não havendo assim, ritual sem falha, o

surgimento do discurso revolucionário poderia emergir no momento de lapso, ato falho desse processo. Assim, o autor aponta que “[...] toda genealogia das formas do discurso revolucionário supõe primeiramente que se faça retorno aos pontos de resistência e de revolta que se incubam sob a dominação ideológica” (PÊCHEUX, 1990, p. 17). É por meio desse movimento que o irrealizado pode surgir do interior do sem-sentido, formando sentido, que o lapso pode vir a se tornar discurso de revolução. No “momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o círculo de repetição” (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Nosso estudo também se filia ao que foi explorado por Pêcheux em seu texto presente na obra “Papel da Memória” (1999 [1983]) - composta pela reprodução do conteúdo apresentado em mesa redonda realizada na *École Normale Supérieure* em abril de 1983; com exceção do escrito de Orlandi (1999), acréscimo da edição brasileira. Pêcheux (1999) reflete sobre as condições nas quais um acontecimento histórico pode vir a se inscrever no espaço de coerência da memória - não ser confundida com uma memória individual -, apontando, em consonância com seu pensamento em “O Discurso: estrutura ou acontecimento” (2015), que

[...] a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa "regularização" e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior. Haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento: - um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como "boa forma", estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo; - mas também, ao contrário, o jogo de força de uma "desregulação" que vem perturbar a rede dos "implícitos" (PÊCHEUX, 1999, p. 52-53).

Por isso mesmo,

[...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. E o

fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

Assim, visamos relacionar conceitos como o de discurso, ideologia, e memória discursiva aos materiais acerca de fatores historicamente vinculados à noção de sexualidade feminina por influências culturais, religiosas, jurídicas e econômicas.

### **Sobre os dados e as análises**

Os sentidos de sexualidade e suas implicações práticas demonstraram sofrer alterações significativas de acordo com o período histórico da humanidade, interessando-nos o recorte já declarado circunscrito às sociedades ocidentais. Outras reflexões poderiam ser realizadas fora desse recorte, representando um campo para investigações futuras, às quais não visamos atender com este estudo. Tendo em vista o modelo eurocêntrico, a cronologia da humanidade é periodizada em Pré-História e História, sendo esta última subdividida em Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna, e Idade Contemporânea. Embora esse método seja apenas um dentre outros já desenvolvidos e reflita uma tendência eurocêntrica, colocando em jogo problemáticas, é também o de maior influência no Brasil, bem como em outros países ocidentais.

Cabe pontuar que aspectos referentes à sexualidade feminina foram ainda mais interceptados por lógicas de controle e penalização, principalmente a partir de fatores como o advento da herança baseada no direito paterno, a descoberta da participação genética masculina no processo de fecundação, e pela influência dos preceitos do cristianismo enquanto religião preponderante no Ocidente a partir de sua adesão pelo Império Romano e o posterior fortalecimento de seu status após a queda desse império. Além disso, durante o período colonial, a doutrina foi levada aos territórios colonizados - dentre eles, aqueles que atualmente correspondem aos países dos continentes americanos. Os sentidos formulados pela religião cristã tiveram impacto relevante sobre a construção da mentalidade de diversas sociedades ocidentais. É também sob tais fatores que a virgindade feminina e a menstruação - ambas frequentemente relacionadas à sexualidade e à fertilidade da mulher por estarem vinculadas, em maior ou menor grau, ao processo da reprodução sexual - adquiriram o estatuto que viria a regulá-las, de forma que ainda nos dias de hoje podemos observá-lo enquanto memória que insiste em

aparecer, mesmo diante de avanços na área das ciências biológicas, humanas e sociais, e dos movimentos feministas.

Tendo isso dito, podemos inferir que cada período foi marcado por um conjunto de determinadas orientações preponderantes, em relação à conceituação e ao exercício da sexualidade sob uma esfera macro; sem questionar, no entanto, a existência de exceções dentro do panorama geral apresentado, muito menos a evolução entre diferentes estados dentro de um mesmo período, ou ainda as especificidades geopolíticas de cada localidade. Sabe-se que na Antiguidade a sexualidade era estimulada mais livremente, e de maneira não necessariamente vinculada ao casamento, que até então era laico e visava primordialmente a produção de herdeiros (RIBEIRO et al, 2011). Já durante a Idade Média, a sacramentalização do matrimônio tornou-se monopólio da Igreja Católica, e

Gradativamente, o modelo cristão de casamento, monogâmico e indissolúvel, foi prevalecendo sobre o modelo laico aristocrático. Outras prescrições foram sendo desenvolvidas e apresentadas. O ato sexual começou a ser tratado como obrigação dos cônjuges, não devendo, no entanto, ser acompanhado por desejo erótico. Apesar de ser obrigatório, o sexo no matrimônio foi considerado pecado por alguns sacerdotes até o século XV [...] A sexualidade conjugal deveria restringir-se à reprodução, o que não significava que estava livre do estigma do pecado (DANTAS, 2010, p. 704-705).

Dessa forma, a prática sexual deveria, em teoria, estar restrita ao matrimônio, em que iria se tornar uma espécie de ritual regulamentado pela religião. As práticas deviam ser, portanto, contidas e recatadas, performadas de maneira que não se pudesse confundi-las com o exercício da promiscuidade. Já na Idade Moderna, dois acontecimentos marcantes são a Reforma Protestante do século XVI e o surgimento do amor romântico (RIBEIRO et al, 2011); ambos não encerram, no entanto, a questão da vigilância à sexualidade, tendo em vista que “a sexualidade se tornou ainda mais central do que já era. Nas Igrejas protestantes e pentecostais, tudo gira em torno dos desejos e prazeres sexuais dos fiéis [...] É preciso vigiá-la, observá-la e confessá-la para não perdê-la de vista” (DANTAS, 2010, p. 725-726).

A Idade Contemporânea, situada entre fins do século XVIII até os dias atuais, traz mudanças substanciais ao cenário da sexualidade, bem como das relações afetivas. Fatores de influência sobre a visão cultural acerca da sexualidade humana precisam ser pontuados aqui como, por exemplo, a Primeira e Segunda Guerra Mundiais, o fortalecimento da psicanálise no Ocidente, as conquistas políticas, econômicas e sociais

advindas das diferentes épocas do movimento feminista, o avanço dos métodos contraceptivos, entre outros (RIBEIRO et al, 2011). Entretanto, um ponto que consideramos relevante destacar é o da mercantilização do sexo, tendo em vista que

Uma vez sendo a mídia e mercado quase que elementos intrínsecos, o corpo e o sexo como produtos consumíveis são produzidos a partir do enlace destes fenômenos. Assim, na contemporaneidade, a estética, a busca pela satisfação sexual e a normatização seguem as prerrogativas da ordem econômica estabelecida [...] Ou seja, o mercado sexual movimenta, direta ou indiretamente, milhões de dólares anualmente de maneira que a problemática moral, da interdição do sexo atualmente é um contrassenso à lógica de mercado. Em outras palavras, quanto menos restrições houver quanto ao sexo em suas diversas manifestações, maior o consumo dos produtos e serviços sexuais [...] (CORRÊA, 2013, p. 19-20).

Sendo assim, interessa-nos pensar brevemente a condição do mercado erótico, no qual estão inseridos os chamados *sex shops*, responsáveis pela comercialização de produtos como os *sex toys* (vibradores de diversos tipos, dildos, plugs, estimuladores de clitóris, entre outros), os cosméticos voltados às práticas sexuais, às fantasias e os acessórios. O próprio conceito de *sex shop* sofreu mudanças ao passar das décadas, recebendo diferentes designações e adquirindo formatações diversas, a depender de seu público-alvo, do preço de seus produtos, de sua localização na cidade ou, como passou a ser o mais comum, em ambientes *web* e em redes sociais como o *Instagram*.

Segundo Gregori (2012), ao investigar as práticas que envolvem o erotismo, cabe refletir sobre o mercado, elemento central no mundo contemporâneo, e considerar que “nesse cenário, reúnem-se experiências que alternam, de modo intrincado, esforços de normatização e também de mudança de convenções sobre sexualidade e gênero” (GREGORI, 2012, p. 59). Sendo assim, devemos resistir ao risco de ou afirmar somente que o mercado erótico teve participação no aumento da iniciativa sexual da mulher, ou somente que ele colaborou para a divulgação de performances sexuais que evocam posições sociais de desigualdade; ao contrário, é preciso admitir que ambos os fenômenos operam dentro desse campo.

Em sua produção de uma etnografia dos *sex shops* da cidade de São Paulo, Gregori (2012) retoma movimentos da sociedade norte-americana e europeia em relação aos bens eróticos que influenciaram o Brasil. Dentre eles, a criação do “Good Vibrations”, *sex shop* inaugurado em São Francisco no final da década de 60, a popularização da série americana “Sex in The City”, a ascensão da Mansão Playboy nos

anos 50, e a elaboração do que a autora cunhou como erotismo politicamente correto - resultante de experiências feministas nos Estados Unidos. Embora não caminhem todos na mesma direção, refletem alguns dos posicionamentos que vinham se desenvolvendo em relação ao mercado erótico e à pornografia. Não nos cabe, neste trabalho, refletir profundamente acerca dos mesmos e de seus desdobramentos positivos ou negativos, apenas atestar seu impacto gradual e significativo à mentalidade ocidental em relação ao erotismo.

Sendo assim, há uma mudança relevante dentro do mercado erótico - observada também em terras estrangeiras - que no Brasil adquiriu força principalmente nas primeiras décadas do século XXI, e ainda se mantém: a valorização do mesmo por iniciativa das mulheres, tanto como compradoras, produtoras e comerciantes. Segundo a autora, esse movimento teve início com uma categoria mais nichada de mulheres, sendo essas em sua maioria heterossexuais, com bom poder aquisitivo e de meia idade. Considerando que o mercado de consumo no geral a partir da década de 50 tem sido consolidado por e para o público feminino, tal fenômeno não parece ilógico; no entanto, o sucesso e a visibilidade expressivos alcançados dentro desse nicho parecem bons temas de investigação.

Dessa forma, se os *sex shops* mais antigos encontrados em São Paulo ocupavam localidades suspeitas, comercializavam produtos de baixa qualidade e possuíam como público bem definido homens e trabalhadoras sexuais, a tendência em crescimento nas últimas décadas tem sido empreendimentos com “marcas femininas”, ou seja, com público-alvo feminino, produtos importados ou nacionais de alta qualidade, design discreto e/ou elegante, e com atendimento voltado à instrução e educação sexual da clientela (GREGORI, 2012). E, embora o estudo tenha foco na cidade de São Paulo, atualmente, podemos atestar a ampliação dessa tendência para muito além da metrópole paulista, em especial no mundo *online* - como é o caso dos empreendimentos popularmente conhecidos como “lojinhas” no *Instagram*, as quais costumam operar de maneira semelhante à descrita. Nesse caminho, a autora pontua:

Diversas usuárias dos bens eróticos com o perfil social de classe média alta, em relacionamentos heterossexuais e com mais de 35 anos afirmam que esse mercado abriu a possibilidade de “apimentar” suas relações. Elas não acham que estão, com seus novos “acessórios” e brinquedinhos, propriamente contestando a matriz heterossexual que organiza hegemonicamente as práticas sexuais. Antes, elas tomam para si - e, levando em conta uma retórica de justificativa - a

responsabilidade de manter seus relacionamentos diante da imensa competitividade de mulheres no mercado matrimonial – fato que não devemos desprezar, segundo dados demográficos, especialmente para a faixa etária em questão. Se essa é a retórica que sustenta os seus novos atos de consumo, é inegável que não esgota todos os seus efeitos. Depois desse tipo de comentário, as usuárias frequentemente falam com eloquência e por tempo considerável sobre os novos prazeres e poderes envolvidos. O acento das falas incide sobre uma espécie de associação entre a valorização da auto-estima (produzir prazer para si mesma), tornar seus corpos saudáveis no sentido de corpos que “gozam” e aumentar os espaços de convivência e de diversão entre mulheres em novos universos de homossexualidade (GREGORI, 2012, p. 86).

Em outro estudo, Gregori (2011) pondera sobre o fornecimento de elementos que permitiram a diversificação das práticas sexuais a um contingente cada vez maior de agentes. Isso incluiria tanto produtos e objetos comercializados, quanto serviços sexuais e ambientes de encontro. A autora salienta que a análise de experiências de diferentes indivíduos com os chamados *sex toys*, conforme *corpus* coletado em sua pesquisa, indicam “[...] que as experiências sexuais se dão de modo mais polimorfo entre adultos do que se admite socialmente” (GREGORI, 2011, p. 313). De forma semelhante, tal constatação pode se estender a outras categorias de produtos eróticos, tais como os cosméticos (lubrificantes, géis, e cremes para estimular os sentidos), já que “[...] estas novas formas expandiram a tolerância e o âmbito de experimentações sexuais, como fica claro pela diversidade de usos de bens eróticos” (GREGORI, 2011, p. 330). É sob essa ótica que pretendemos, mais à frente, refletir acerca da proposta do “Adstringente Sempre Virgem” da marca *Hot Flowers* - empresa brasileira de destaque no ramo, com exportação de seus produtos para a América Latina e Europa, além de distribuição nacional.

Quanto ao segundo material de análise, a marca “Sempre Livre”, filiada à “Johnson & Johnson Brasil”, foi pioneira no lançamento de absorventes descartáveis no país, com o lançamento do primeiro absorvente com aderência à calcinha, em 1974. Nos anos seguintes, a marca teve outros produtos inovadores para o segmento - tanto em termos de conceito quanto em questão de tecnologia -, tornando-se referência no mercado nacional na área que a companhia intitula como “saúde da mulher”. Desde as primeiras publicidades veiculadas pela marca, “Sempre Livre” utilizava roteiros retratando mulheres em seu ambiente de trabalho - em especial atrizes e figuras públicas -, e carregou por muito tempo a frase “o absorvente da mulher ativa” como *slogan*. Sendo assim, a marca visava dialogar em especial com a categoria de mulheres em

ascensão à época: aquela que estava ingressando no mercado de trabalho e na vida pública. O próprio absorvente descartável era, no período, um produto não tradicional. Com o passar das décadas e a familiarização do mercado com o produto, a marca manteve seu posicionamento, reformulando-o de acordo com os novos contextos. Atualmente, por exemplo, a marca declara por meio de suas plataformas oficiais (SEMPRE LIVRE, c2021) a preocupação com a sustentabilidade, já que o uso de absorventes descartáveis passou a corresponder a uma quantidade relevante de lixo gerado.

Embora a marca demonstre, em diversos momentos de sua trajetória, posicionamentos inovadores filiados ao avanço feminino, destaca-se o efeito do lucro inscrito nas campanhas, bem como do interesse mercadológico próprio a essa tipologia de publicidade que inscreve os efeitos da formação discursiva capitalista, a qual que naturaliza o sentido de que tudo é passível de ser vendido, até mesmo a virgindade feminina. Tal tendência também é notada em marcas de concorrência direta em relação a “Sempre Livre”. Como observado em estudo acerca de comerciais de absorventes de três outras marcas,

[...] é possível identificar a repetição desse mesmo padrão, em que a mensagem publicitária de um dado período transforma-se de acordo com a modificação dos lugares ocupados pelas mulheres daquela época. Contudo, atrelado a este mutável discurso, verifica-se a presença de determinados elementos que têm permanecido nestas propagandas (ARNDT et al, 2018, p. 2).

Além disso, em seu trabalho, as autoras concluem que havia uma

contradição presente nas publicidades analisadas, assentadas em um constante hibridismo entre transformações e manutenções no que diz respeito aos lugares de gênero, padrão de beleza e menstruação [...] Há, contudo, um inegável avanço no que diz respeito aos modos de representar mulheres e abordar temáticas referentes aos lugares de gênero (ARNDT et al, 2018, p. 12-13).

“Sempre Livre” vem inovando positivamente em relação a problemáticas apontadas pelas autoras – como, por exemplo, o movimento de evasão, observado no *corpus* da pesquisa, ao precisar falar explicitamente sobre sangue e menstruação; tendência em relação a qual a marca “Sempre Livre” já parecia em processo de desvinculação, em 2018, com sua campanha “Programa #SempreJuntas: falando abertamente sobre menstruação com a Maisa” (SEMPRE LIVRE, 2021). Não

obstante, Contudo acreditamos que, apesar dos avanços a serem considerados, alguns dos sentidos veiculados pela marca merecem ser discutidos. Tendo em vista o exposto até o momento, daremos início à análise do *corpus*; para isso, cabe refletir brevemente sobre a questão da denominação, pois

[...] ao denominar, um processo de significação é instaurado e posto, em movimento, sob determinadas condições de produção. Nesse processo, o nome recorta uma região do interdiscurso que faz com que, ao denominar, se signifique, se produza sentido e esse se instale em uma formação discursiva. A denominação é, pois, também parte da construção discursiva dos referentes (COSTA, 2012, p. 134).

Assim, interessa perceber que o ato de designar não ocorre de forma aleatória ou descolada do jogo de sentidos que atua na prática discursiva. Pelo contrário, ao designar é preciso realizar um recorte no interdiscurso, situando-se assim em uma formação discursiva e não outra, fazendo com que os sentidos das palavras sejam “estes” e não outros; levando em consideração o fato de que as palavras não possuem sentido intrínseco a si mesmas, adquirindo-o a partir das posições ideológicas em jogo no contexto sócio-histórico no qual são produzidas, ou seja, de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 146-147).

A presença do “sempre”, em ambas as denominações trabalhadas no *corpus* - o gel adstringente “Sempre Virgem” e a marca de absorventes “Sempre Livre” - faz falar o funcionamento do advérbio de tempo a produzir o efeito de intensificar a regularidade do ser “virgem” e “livre”, já que marca uma repetição que se estende no presente, qual seja, o (sempre) retorno ao mesmo ponto inicial - a virgindade e a liberdade, respectivamente. Tal possibilidade é sustentada por uma memória discursiva que historicamente funciona de modo a fazer falar e circular sentidos sobre o corpo feminino.

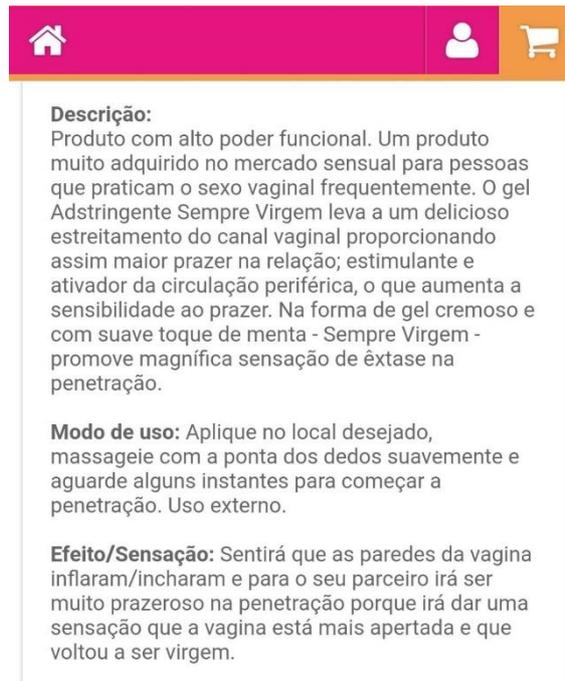
Os dois produtos, embora de categorias distintas, encontram-se veiculados ao público consumidor feminino e evocam, pelo efeito da memória e de modo diferente, a experiência de perda do sangue feminino - ou ainda, de um fazer sangrar feminino -, seja o sangramento que pode ocorrer com o rompimento do hímen, seja pelo sangue menstrual. A virgindade e a menstruação são, assim como tantos outros símbolos, modos de dizer e significar o feminino - em um recorte acerca de mulheres cisgênero, consta pontuar – e recolocar os efeitos do mito da feminilidade e fertilidade das mulheres. Tais efeitos funcionam no discurso a partir da memória cristalizada

socialmente pela influência de instituições como a família, a religião, e o casamento. Dessa forma, acreditamos ser o funcionamento do interdiscurso sobre a formulação que possibilita o irrompimento de um produto e de uma marca cujos nomes configuram-se como formulações irremediavelmente equívocas, conforme descreveu Pêcheux (2015). Designações essas que parecem indicar uma falha, um tropeço desses mesmos rituais, chegando a oporem-se a eles em alguma medida, ao mesmo tempo em que funcionam justamente por causa deles, onde encontram sustentação pela via do já-dito. Tecendo assim, um movimento contraditório entre permanência e ruptura, em uma disputa de forças que nelas (designações) e por meio delas adquire materialidade. Cabe analisar os enunciados presentes no material coletado separadamente.



Figura 1 - Loja Online Hot Flowers<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Fonte: <https://www.hotflowersloja.com.br/cosmeticos-adstringente-sempre-virgem.html>. Acesso em: 03 mar. 2021.



**Figura 2 - Sex shop online Dose de Amor<sup>5</sup>**

Com base nas figuras 1 e 2, podemos observar os sentidos sobre virgindade como passíveis de serem revertidos o irreversível no corpo feminino, nos sentidos em jogo acerca do produto “Sempre Virgem”. A Figura 1, extraída do site da marca *Hot Flowers*, expõe uma imagem do produto a ser comprado e um breve subtítulo: “Sinta como se fosse a primeira vez”. Já a Figura 2 diz respeito a um *sex shop online* onde o produto é revendido, e traz sua descrição, modo de uso, e o efeito esperado - este último contém outro trecho de interesse à análise, a ser explorado futuramente: “[...] irá dar uma sensação de que a vagina está mais apertada e que voltou a ser virgem”.

A possibilidade sempre-já-lá, evocada pelo gel adstringente “Sempre Virgem”, de voltar a ser virgem, ainda que apenas de forma idealizada/ilusória, não pode ser analisada sem que tomemos a memória na qual o surgimento de um produto com esse fim é possível. Nela operam pré-construídos que advém do choque das relações econômicas e sociais (PÊCHEUX, 2014) quanto à questão de gênero e à condição da mulher na história; já-dito que está na base do dizível, como discorre Orlandi, “o que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2020, p. 30).

<sup>5</sup> Fonte: <https://www.dosedeamor.com.br/sempre-virgem-adstringente-em-gel-25g-hot-flowers>. Acesso em: 03 mar. 2021.

Ao tratar das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção, Pêcheux (2014) admite que não se pode considerar como se ocupassem pontos distintos aquilo que contribuiria para a reprodução e aquilo contribuiria para a transformação dessas relações. Tais condições, necessariamente contraditórias, são constituídas pelo conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado comportado pela formação social em questão, “isto é, com relações de contradição-desigualdade-subordinação entre seus elementos [...]” (PÊCHEUX, 2014, p. 131). Reprodução e transformação se relacionam com o ideológico na medida em que é justamente o desmembramento em regiões dos “objetos” ideológicos, com as consequentes relações de desigualdade-subordinação entre tais regiões, que constituem a cena da luta ideológica de classes (PÊCHEUX, 2014).

A dominação da ideologia dominante dar-se-ia, quanto ao nível ideológico, pela subjugação da transformação das relações de produção pela reprodução; de forma que as relações de desigualdade-subordinação entre as regiões são reproduzidas. Uma luta pela transformação seria a “luta para impor, no interior do complexo dos aparelhos ideológicos de Estado, novas relações de desigualdade-subordinação” (PÊCHEUX, 2014, p. 133). A isso, o autor acrescenta que

[...] a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes. Com relação à forma dessa contradição, vamos especificar que ela não poderia, levando-se em conta o que acabamos de dizer, ser pensada como a oposição de duas forças que se exercem uma contra a outra *em um mesmo espaço* (PÊCHEUX, 2014, p. 134, grifo do autor).

Pêcheux (1999) também discutiu a respeito de um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento, que poderia acabar por manter a regularização pré-existente em uma estabilização parafrástica, ou por promover uma desregulação que tivesse como resultado a perturbação da rede dos implícitos (PÊCHEUX, 1999). É no sentido do exposto que funciona o enunciado de que “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 2014, p. 281), o que marca a relação contraditoriamente necessária entre um movimento de permanência - reprodução, estabilização - e outro de ruptura - deslocamento, transformação.

É por meio do intermédio desse raciocínio teórico que sustentamos aqui um gesto de leitura - dentre outras possíveis - em que ocorre a impossibilidade de classificar

os sentidos em funcionamento ao redor do produto e das discursividades produzidas em relação ao mesmo, como sentidos unívocos e homogêneos; ou seja, evidenciando-os somente em seu caráter de permanência em relação à memória já cristalizada no funcionamento do discurso, ou somente em seu caráter de ruptura em relação a mesma memória. Pelo contrário, pensamos que no interior da prática discursiva sobre o gel adstringente “Sempre Virgem”, está em curso o jogo de forças descrito por Pêcheux; tendo isso em vista, exporemos seu funcionamento a seguir.

A permanência - enquanto reprodução de uma memória já dada que opera pela via da língua/história/ideologia - relaciona-se com a própria demanda e desenvolvimento do produto na forma pelo qual ele é apresentado e comercializado. A necessidade de um artifício erótico, que tem como título “Sempre Virgem” e que traz em sua descrição oficial a promessa “Sinta como se fosse a primeira vez”, demarca uma referência à valorização da virgindade feminina enquanto alegoria da feminilidade. Sabendo que “o sujeito se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina” (PÊCHEUX, 2014, p. 150) e que não há discurso sem sujeito, pode-se argumentar que a determinação dessa valorização irrompe aqui, pelo trabalho do interdiscurso, constituindo o discurso sobre o produto.

Ou seja, funciona aqui algo que fala antes, um já sempre ali, que nada mais é do que a memória acerca da construção histórica e ideológica referente à virgindade da mulher. Memória assentada em preceitos religiosos - no caso, referimo-nos ao cristianismo, com destaque para o papel da Igreja Católica -, jurídicos e econômicos e até mesmo em constatações de outrora difundidas pelas ciências biológicas que, mesmo diante de mudanças sociais e teóricas recentes, permanece funcionando pela via do interdiscurso, afetando, assim, novas formulações do sentido. Logo, de acordo com Pêcheux:

a tomada de posição não é, de modo algum, concebível como um “ato originário” do sujeito-falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, o efeito da “exterioridade” do real ideológico-discursivo, na medida em que ela “se volta sobre si mesma” para se atravessar (PÊCHEUX, 2014, p. 159-160)

A exterioridade que se manifesta aqui é a do valor da virgindade feminina, argumento sob o qual essa virgindade, bem como o corpo feminino como um todo, foi sistematicamente inventada, gerida, administrada, intermediada, recusada e/ou exigida

na história das civilizações ocidentais, em especial em relação à instauração do direito paterno - como demonstrou Engels (2019 [1884]), bem como outros autores - e, posteriormente pelo controle religioso. Sendo assim, trata-se de uma historicidade marcada pelo acesso institucional ao corpo da mulher, visando sua regulação e controle; acesso esse que adquire nova materialidade por meio da possibilidade de uma *recriação* da virgindade perdida, constatada no *corpus*. É por meio do funcionamento da memória discursiva que se sustenta a demanda de uma recriação/simulação da virgindade.

No entanto, há também a ruptura - enquanto deslocamento que perturba a memória sedimentada. Segundo Orlandi (2020), as condições de produção em sentido amplo incluem, além do contexto ideológico, o contexto sócio-histórico da produção do discurso. Nesse sentido, relembremos o já citado crescimento do setor feminino no mercado de bens eróticos, tanto na categoria de consumidoras, quanto como empreendedoras do ramo (GREGORI, 2012). Tendo ciência da historicidade ao redor da sexualidade da mulher - marcada por uma impossibilidade de acesso a mesma, ou ainda por punições diante desse acesso -, não se pode ignorar que a entrada marcante da mulher, preponderantemente durante o século XXI, em um mercado que lida com o erótico e com o sexual, marca uma espécie de avanço em direção à liberdade sexual feminina. Tal fato tem ainda como consequência a transformação, em diversos níveis, desse mercado em específico, não cabendo aqui aprofundarmo-nos nos demais. Consta pontuar que isso não ocorre, no entanto, sem possíveis problematizações à luz das teorias feministas, às quais não exploraremos neste trabalho.

Além disso, trata-se de um produto a ser utilizado dentro da vagina. A instrução e descrição veiculadas pela marca e pelos canais de revenda do produto dirigem-se ao sujeito-mulher enquanto comprador, não ao sujeito-homem, que poderia estar interessado no uso do mesmo por sua companheira. Ao contrário, o discurso parece indicar que o consumidor do produto é a mulher na qual o gel seria aplicado, como se pode perceber nos seguintes recortes, extraídos da Figura 2: “Um produto muito adquirido no mercado sensual por pessoas que praticam o sexo vaginal frequentemente”, “Aplique no local desejado [...] massageie [...] aguarde alguns instantes [...]”, “Efeito/sensação: sentirá que as paredes da vagina inflaram/incharam e para seu parceiro irá ser muito prazeroso na penetração [...]”.

Ou seja, é possível realizar a leitura de que - à parte de possíveis problematizações quanto à escolha específica por esse produto - a realização do

consumo por parte da mulher indica uma busca autônoma por cosméticos a serem inseridos em sua vida sexual; o que denota um movimento em busca do descobrimento do seu prazer e do parceiro, do conhecimento de seus corpos, e da naturalização de sua sexualidade e práticas sexuais. Movimento que também se contrapõe à memória de castidade, pureza e recato feminino. O próprio fato de o produto se direcionar a mulheres já não virgens indica uma falha na filiação para com essa memória.

Poder-se-ia argumentar que o produto, enquanto gel adstringente que comprime o canal vaginal, não necessariamente viria ser utilizado por todas as consumidoras com o propósito de simular a virgindade já perdida. No entanto, é de suma relevância que foi sob essa designação que a marca o desenvolveu e comercializou, o que não pode ser visto como aleatório.

Ademais, pode-se observar na Figura 1, no trecho “Sinta como se fosse a primeira vez”, e na Figura 2, por meio do trecho [...] irá dar uma sensação de que a vagina está mais apertada e que voltou a ser virgem”, a frequente associação do uso do produto de forma a servir ao propósito já descrito de recriação/simulação da virgindade. Cabe ainda pontuar que em ambos os casos - pelo uso do “como se” enquanto locução conjuntiva subordinativa comparativa, e pela escolha da palavra “sensação”, respectivamente - é possível sustentar uma leitura dessa instância de simulação de algo que na realidade, não é. Quem utilizar o produto pode sentir *como se* fosse a primeira vez, mas essa relação continuará materialmente não sendo a primeira vez; e pode ter a *sensação* de que voltou a ser virgem, no entanto esse regresso não é possível, pois possível mesmo é somente simulá-lo.

Dessa forma, marca-se a presença dessa luta de forças entre reprodução e transformação dos sentidos e da memória a qual os mesmos se filiam; fato que constitui nosso interesse teórico, muito mais do que atribuir um juízo de valor à existência e uso do produto ou outros semelhantes. Luta que também ocorre no corpus coletado acerca da marca de absorventes “Sempre Livre”, como veremos a seguir.



Figura 3 - Facebook Sempre Livre<sup>6</sup>



Figura 4 - Propaganda Adapt Plus Dia e Noite<sup>7</sup>



Figura 5 - Propaganda Sempre Livre<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/SempreLivreBrasil/photos/a.237587329711883/1250405101763429>. Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>7</sup> Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=d3LhV4naNoI>. Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>8</sup> Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QNIBq9OQrWo>. Acesso em: 29 mar. 2021.

Nas Figuras 3, 4 e 5, constrói-se a possível tentativa de eternizar um estado não eterno no corpo feminino, tendo como referência o retorno à denominação da marca a qual tais imagens estão vinculadas, “Sempre Livre”, bem como à disputa pela via do discurso entre permanência - reprodução - e ruptura - transformação -, já teorizada.

Por meio da denominação escolhida e do discurso publicitário empregado, parece funcionar uma eterna possibilidade, praticamente ao alcance das mãos do sujeito-mulher, de retorno a um estado de liberdade. Na figura 3, retirada da página oficial da marca no *Facebook*, pode-se ler: “Sinta-se confortável em ser mulher. Sinta-se confortável com Sempre Livre”. Tal formulação permite compreender que ser mulher é tido como uma situação/condição originalmente desconfortável, dentro dos sentidos articulados nesses discursos; e que adquirir conforto estaria, de alguma forma, vinculado ao consumo dos produtos da marca “Sempre Livre” - ainda que não necessariamente, ao menos preferencialmente.

Ainda nas últimas figuras, os sentidos funcionam de modo a acentuar a existência de uma sugestão publicitária do uso de produtos da marca para que a consumidora possa, respectivamente, viver seu ciclo protegida e segura. Se há a necessidade de um produto que permita essa experiência no período menstrual, logo, fica implícito que existem outras experiências possíveis. Podemos extrair ainda do discurso veiculado a alusão de que essas outras experiências de menstruação, não mediadas pelos produtos da marca, estariam desvinculadas - em maior ou menor grau - das características prometidas: proteção e segurança. Sendo assim, uma possível leitura é a de que o período menstrual seria, em essência, cenário em que a mulher está desprotegida e insegura.

Tendo isso em vista, e embora saibamos que conforme Pêcheux (2014) as palavras não possuem sentido intrínseco a si mesmas, parece possível afirmar que as características implicitamente veiculadas à menstruação em seu estado puro - ou seja, aquele não administrado por meio dos produtos propagandeados -, a saber desproteção e insegurança, não parecem se relacionar com a noção de liberdade ou de ser/estar “livre”. Sendo assim, os produtos comercializados pela marca “Sempre Livre” colocam em jogo a possibilidade discursiva de revestir um estado ideologicamente tido como de não-liberdade com insígnias de uma liberdade aparente, como se a mesma estivesse sempre já ali - “*Sempre Livre*”.

## **A título de conclusão**

Não é possível ignorar, todavia, que historicamente e, também, pela via do discurso, o corpo enquanto materialidade do sujeito-mulher esteve - e ainda está, em muitos casos - desarticulado do exercício da liberdade. Estar livre, dessa forma, não corresponde ao estado real desse sujeito, muito menos a seu estado preponderante, “de sempre”, ou eterno. Funciona discursivamente o efeito de que a marca carregue como sua principal denominação algo que expressa o que na realidade falta ao seu público-alvo; faz sentido utilizar o enunciado “Sempre Livre” como posicionamento de algo a ser comercializado e desejado, já que na relação língua/história/ideologia, a mulher carece de liberdade.

É imprescindível pensar tais condições que antecedem o discurso, visto que estamos trabalhando com o conceito de interdiscurso, como aquilo que fala antes, em outro lugar (ORLANDI, 2020). O enunciado que dá nome à marca “Sempre Livre” trabalha, em sua discursividade, construindo uma rede de sentidos que conferem um aparente estado de liberdade eterno, já dado, que ali esteve anteriormente e estará posteriormente, a uma experiência que ocorre por meio do corpo do sujeito-mulher, que na realidade é marcada historicamente, ideologicamente e pela língua como não eterno, não dado, e em alguns casos, até mesmo inexistente.

Tendo em vista o exposto, interessa-nos demonstrar também aqui o funcionamento do jogo de forças descrito por Pêcheux (2014), já conceituado acima, do qual decorre a impossibilidade de classificar os sentidos ao redor dos materiais veiculados pela marca, como sentidos homogêneos; relacionados somente à permanência - reprodução - ou somente à ruptura - transformação. Temos como referência de observação a memória estabilizada que funciona na materialidade adquirida pela via do discurso quanto à menstruação. Sabe-se, assim, que tal memória dialoga com a noção observada da menstruação enquanto tabu (SARDENBERG, 1994) e vinculada à noção daquilo que é impuro (BEAUVOIR, 2016); do sangue menstrual como algo sujo, de onde derivam as tentativas de higienização desse sangue (SARDENBERG, 1994) e o constrangimento diante de vazamentos e manchas causadas pelo mesmo; além da insígnia de incapacidade física e psicológica da mulher durante o período menstrual e pré-menstrual (SARDENBERG, 1994).

Pode-se apreender o movimento de ruptura - ou seja, de deslocamento que perturba a memória cristalizada pela relação da língua/história/ideologia - no que tange

ao posicionamento da marca de promover discussões abertas e livres de tabu sobre o período menstrual e sobre “ser mulher”, como pode-se observar na Figura 3 e no site da marca, por meio de frases como “Sinta-se confortável para falar de menstruação [...] Vamos falar de ciclos? [...] Falando abertamente sobre menstruação [...]” (SEMPRE LIVRE, c2021). Sendo assim, inscrevem-se sentidos de uma tentativa de naturalizar a menstruação, inclusive ao nomeá-la explicitamente.

No entanto, por meio da análise do *corpus* também podem ser observados sentidos que denotam aspectos de uma permanência e reprodução da memória estabilizada, que funcionam apesar da tendência anterior - de ruptura -, e, também, por meio desta. Ao tentar promover um estado de conforto em ser mulher e falar sobre menstruação, a marca acaba por referenciar o caráter em realidade desconfortável de ambos - em conformidade com a noção ideologicamente materializada no discurso dominante do sistema patriarcal no qual se sustenta. Além disso, funcionam implícitos que revelam a noção da menstruação como um estado de desproteção e insegurança para o sujeito-mulher, o qual poderia tornar-se seguro e protegido por meio do produto comercializado: o absorvente, responsável por impedir o sangue menstrual de chegar ao conhecimento público, impedindo-o de ser visto, prevenindo seu escape. Nota-se ainda presente uma tentativa de isolar esse sangue e de higienizar a experiência menstrual de alguma forma.

No que diz respeito à virgindade feminina, conforme foi discutido em nosso processo de análise, os sentidos em funcionamento nos materiais acerca do produto “Adstringente Sempre Virgem” operam tanto em movimento de permanência (reprodução) quanto de ruptura (transformação) em relação à memória cristalizada no discurso; memória essa filiada a uma noção de valor da virgindade da mulher, adquirido por meio de condições de produção que remontam a preceitos religiosos, econômicos e jurídicos cuja materialidade nos permite constatar uma posição de desigualdade social duradoura da condição feminina. Ademais, embora a possibilidade ofertada pelo produto de (re)criar a virgindade perdida denote um já-dito que sustenta a irrupção da formulação desse dizer; o equívoco e a falha se fazem presentes pelo fato mesmo de que, tratando-se de um produto a ser utilizado pela mulher que já não é mais virgem, é evidenciado um tropeço na filiação para com a memória referida.

As noções de memória, sentido, discurso em Pêcheux sustentaram o nosso percurso teórico-analítico e os dados indicaram o modo de dobre e redobramento dos

sentidos estabilizados para o feminino, o corpo feminino com destaque ao órgão sexual. Sendo assim, tanto no caso do “Adstringente Sempre Virgem” quanto no caso da marca “Sempre Livre”, o “sempre” atualiza e joga com a polissemia de um tempo anterior imaginariamente, capaz de ser restituído; possibilidade sustentada por uma memória discursiva que historicamente funciona de modo a regular os sentidos sobre o corpo da mulher.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1999. 294p.

ARNDT, Gilmara Joanol et al. “Como uma garota”: novas regras na publicidade de absorventes. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2018000200208&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000200208&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 mar. 2021.

BEAUVOIR, Simone de (1949). **O segundo sexo: a experiência vivida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v.1 e 2.

CORRÊA, Gustavo Figueiredo Pires. Corpo e sexualidade na contemporaneidade. In: SIES, Simpósio Internacional de Educação Sexual, 3., 2013, Maringá-PR. **Anais...** Maringá: UEM, 2013, p. 1-27.

COSTA, Greciely Cristina da. Denominação: um percurso de sentidos entre espaços e sujeitos. **RUA**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 134–147, jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638291>. Acesso em: 23 mar. 2021.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 700-728, dez. 2010. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812010000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000300005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 28 mar. 2021.

ENGELS, Friedrich (1884). **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2019. 188p.

GREGORI, Maria Filomena. Erotismo, mercado e gênero: uma etnografia dos sex shops de São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, p. 53-97, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645033>. Acesso em: 12 mar. 2021.

GREGORI, Maria Filomena. Usos de sex toys: a circulação erótica entre objetos e pessoas. **Mana**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 2, p. 313-336, ago. 2011. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132011000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 12 mar. 2021.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL. **Sempre Livre**, c2021. Página inicial. Disponível em: <https://www.semprelivre.com.br/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL. **Sempre Livre**, c2021. Sobre Sempre Livre. Disponível em: <https://www.semprelivre.com.br/sempre-livre/sobre>. Acesso em: 20 mar. 2020.

JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL. **Sempre Livre**, c2021. Sustentabilidade. Disponível em: <https://www.semprelivre.com.br/sustentabilidade>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Da ambigüidade ao equívoco**: da resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2000, 126p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13 ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. 98p.

PÊCHEUX, Michel (1982). Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 7–24, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PÊCHEUX, Michel (1983). **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 7 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. 66p.

PÊCHEUX, Michel (1983). Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes Editores, 1999.

PÊCHEUX, Michel (1975). **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. 287p.

RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages, et al. Entre o ‘ficar’ e o namorar: relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, ASSIS, Simone Gonçalves, NJAINE, Kathie (orgs). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, p. 55-86. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/4c6bv>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. De Sangrias, Tabus e Poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 314-344, jan. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16215>. Acesso em: 23 mar. 2020.

Submetido em: 16/06/2021.

Aprovado em: 21/09/2021.

**Como referenciar este artigo:**

AMORIM, Aline Oliveira; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. “Te (des)fazer mulher”: o discurso sobre a virgindade e a fertilidade femininas. **revista Linguagem**, São Carlos, v.40, n.1, 2021. p. 207-233.